**DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS E NEGLIGENCIADAS RELACIONADAS À POBREZA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

CARVALHO, Gabriela da Costa de[[1]](#footnote-1)

KEDE, Maria Luiza Félix Marques²

RESUMO

O trabalho a seguir tem como objetivo analisar a partir de uma revisão bibliográfica, a associação das doenças relacionadas à pobreza na ótica da geografia da saúde, destacando a carência de estudos no campo, bem como a relação do espaço na produção das doenças, a partir de artigos e trabalhos que envolvem o tema. Para a realização do trabalho foi feita uma análise nas plataformas de busca acadêmicas Scholar, Scielo e Biblioteca Virtual de Saúde, a partir dos termos, Geografia da Saúde, Espaço e Saúde, Doenças Negligenciadas e Doenças relacionadas à Pobreza. Os artigos selecionados neste estudo foram os que abordam diretamente as relações entre doença, pobreza e espaço, onde os autores apresentaram diversas concepções sobre as doenças transmissíveis e negligenciadas relacionadas à pobreza. A partir dos resultados é notório o destaque dado à baixa atenção ao assunto e consequentemente a escassez de investimentos para pesquisa e desenvolvimento de formas de tratamento e prevenção das doenças, sendo possível concluir que apesar da existência de diversos trabalhos relacionados, poucos enfatizam a relação da geografia na produção e ocorrência das doenças.

Palavras chave: Geografia da Saúde, Geografia e pobreza, Doenças Transmissíveis

ABSTRACT:

The following work aims to analyze, from a bibliographic review, the list of diseases related to poverty from the point of view of health geography, highlighting the lack of studies in the highlighted field, as well as the relation of space in the production of diseases, from articles and works that involve the theme, seeking to understand the theme. also clarifying the causes and factors for the permanence and distribution of diseases. In order to carry out the work, an analysis was carried out on the academic search platforms, selecting studies that directly address the relationships between disease, poverty and space, where the authors presented different concepts about communicable and neglected diseases related to poverty. In short, the article seeks to emphasize that geography is directly associated with the health-disease-care process, since spatial analysis has a primary role in understanding diseases.

Keywords: Health Geography, Poverty, Infectious Diseases

**INTRODUÇÃO:**

Este trabalho tem como propósito, a partir da Geografia da Saúde, compreender as relações entre espaço e saúde, destacando especificamente as doenças persistentes relacionadas à pobreza considerando a carência de estudos. No presente estudo, a geografia é a principal ferramenta na relação espaço-saúde, buscando esclarecer as causas e fatores condicionantes nos padrões de distribuição das doenças transmissíveis e negligenciadas relacionadas à pobreza e das condições suscetíveis de transmissão.

Durante muito tempo, o conceito de saúde era associado apenas à ausência de doenças, porém, o conceito passou a englobar o bem estar físico, mental e social (Almeida Filho, 2011). A partir disso, se faz necessário reforçar que a geografia pode ter um papel amplo ao dar diversas contribuições para análises dos problemas e eventos de saúde, permitindo diferentes interpretações para o entendimento dos inúmeros problemas de saúde. É válido ressaltar que a associação espacial relacionada à análise da situação de saúde é fundamental para a compreensão da interação entre produção de riscos, deterioração da saúde, condições de vida, acesso aos serviços de saúde e equidade dos sistemas de saúde. Além da ampliação da necessidade de análise da diferenciação espacial para compreender como as doenças são produzidas atualmente (Guimarães; Catão; Casagrande, 2018) e da identificação, formulação, priorização e explicação de problemas de saúde da população em determinado território, possibilitando a identificação das áreas de concentração e sobreposição de doenças transmissíveis, associadas a condições de vidas precárias (IPEA, 2016).

Para Barcellos e Machado (1998) o espaço é a categoria mediadora das relações entre sociedade, saúde e ambiente, podendo apresentar três recortes diferentes nos estudos da relação espaço-saúde, que são: *espaço-geometria*; *espaço-região*, e *espaço-lugar*, sendo estes recortes fundamentais na compreensão do espaço como um todo, como também nas suas diferenciações sociais, ambientais e culturais, que irão determinar o comportamento de indivíduos e consequentemente suas interações no ambiente, na produção e transmissão de doenças. Entretanto, o processo acelerado de modificação dos espaços, como a urbanização, acompanhada da deterioração das condições de vida e aumento da exclusão social, uma vez que combinadas com o crescimento demográfico e o avanço tecnológico, ocasionaram modificações nas patologias, seja pela tipologia ou pelas camadas de distribuição espacial, sexo, idade e outras circunstâncias. (Pickenhayn, et.al, 2008).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), as doenças transmissíveis relacionadas à pobreza são doenças que afetam desproporcionalmente populações pobres e marginalizadas, que juntamente com fatores sociais, econômicos e biológicos acabam conduzindo a um ciclo vicioso de pobreza, que para muitos não tem saída. A pobreza é o principal fator condicionante para a propagação dessas doenças, dificultando o acesso à informação, prevenção e assistência para os mais afetados (WHO, 2012). A partir disso, é fundamental destacar que a pobreza é uma situação estrutural na sociedade capitalista, tendo uma relação próxima com a desigualdade social (Guimarães, 2008), sendo a pobreza uma causa e consequência da situação perpetuadora de saúde e vice-versa.

Na conjuntura das doenças relacionadas à pobreza, se faz necessário salientar os Determinantes Sociais de Saúde (DSS), que abrangem fatores de ordem socioeconômica, culturais, étnicos, psicológicos e comportamentais, definindo o padrão de ocorrência de problemas de saúde na população (Rasella, 2012). O reconhecimento dos determinantes sociais na situação das doenças relacionadas à pobreza é fundamental para o enfrentamento das doenças negligenciadas, devendo envolver a redução das desigualdades sociais, além da promoção de um ciclo virtuoso de desenvolvimento, a fim de eliminar as desigualdades, e da necessidade de revisão das bases teóricas relacionadas à pobreza e às desigualdades na determinação do processo saúde-doença das doenças transmissíveis, cabendo ao geógrafo fornecer a visibilidade ao processo, desenvolvendo uma nova perspectiva teórica e metodológica (Guimarães. 2008).

É necessário ressaltar a necessidade de pesquisar doenças infecciosas, visto que não possuem relação com status econômico, onde toda a população do ponto de vista biológico, está em risco, porém o risco não é distribuído igualmente, já que pessoas que vivem em privações sociais e econômicas têm maior exposição aos fatores de risco para estas doenças, além da falta de investimentos no controle e tratamento de doenças infecciosas e parasitárias que refletem no desenvolvimento humano, social e econômico em diversas escalas.

O presente artigo é uma revisão bibliográfica cujo objetivo é investigar as relações entre espaço e saúde, destacando especificamente as doenças persistentes relacionadas à pobreza. Esse trabalho é uma das atividades desenvolvidas pela bolsista de Estágio Interno Complementar da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ Faculdade de Formação de Professores (UERJ/FFP), no projeto intitulado: Análise das doenças transmissíveis relacionadas à pobreza no Município de São Gonçalo (RJ) entre 2008 a 2018 e, futuramente servirá de base para o trabalho de conclusão de curso, em que se pretende analisar a dinâmica territorial e ambiental na produção de doenças.

**METODOLOGIA:**

As doenças transmissíveis e negligenciadas relacionadas à pobreza, são aquelas que afetam desproporcionalmente populações pobres e marginalizadas em todo o mundo. Entretanto, para a melhor compreensão, deve-se conceituar o que é a pobreza e como a mesma é o principal fator para as doenças negligenciadas.

A pobreza é comumente baseada na renda, entretanto, segundo o PNUD (2019), nenhum indicador como a renda, é capaz de revelar as múltiplas dimensões da pobreza, gerando assim, o conceito de pobreza multidimensional, que engloba as diversas privações, como saúde, educação, habitação, e outras, que caracterizam a situação de pobreza como um todo. Com isso, as condições sociais e econômicas podem afetar direta e indiretamente a condição de saúde, já que a falta de comida, moradia e segurança, tornam os indivíduos mais vulneráveis a doenças, onde geralmente não conseguem obter meios básicos de prevenção e cuidado.

As doenças transmissíveis, em destaque as relacionadas à pobreza, são tidas como negligenciadas, por não apresentarem atrativos econômicos para o desenvolvimento farmacêutico e por atingirem em maior escala as populações socialmente desfavorecidas. Essas doenças, não sucedem apenas, com maior frequência em regiões pobres, mas também se tornam condições que promovem a pobreza.

As principais doenças negligenciadas relacionadas à pobreza, são: tuberculose, HIV/AIDS, doença de Chagas, hanseníase, tracoma, malária, dengue, leishmanioses, entre outras. Entretanto, Nickel (2013) destaca que a OMS também inclui na lista de doenças relacionadas à pobreza, além das doenças negligenciadas (geralmente vetoriais), as emergentes e reemergentes (como síndromes respiratórias por coronavírus,influenzas), e doenças provocadas pela contaminação de água e ar, devido ações antrópicas.

Para este trabalho foram analisados artigos selecionados a partir das plataformas Scholar, Scielo e Biblioteca Virtual entre os dias 03 e 17 do mês de abril de 2021.Os termos utilizados foram geografia da saúde; doenças transmissíveis relacionadas à pobreza; espaço e saúde e doenças negligenciadas. Para a obra ser incluída neste trabalho os critérios usados foram artigos revisados por pares e abordar diretamente a temática doença, pobreza e espaço. Uma vez que se buscou conhecer de que forma os estudos publicados tratam a temática, não foi delimitado um período de tempo para a seleção das publicações.

Ao todo foram identificados 140 trabalhos resultantes do primeiro levantamento. Deste total 115 são artigos, 12 são livros ou capítulos de livros, 4 cartilhas de conscientização e 9 trabalhos de conclusão de graduação, mestrado e doutorado. Considerando os 115 artigos, revisados e publicados por revistas acadêmicas, foram 32 artigos dos quais dialogam com o tema proposto, desses artigos apenas 8 se relacionam diretamente com a temática, além de destacarem e aprofundarem as relações entre saúde, pobreza e espaço.

**RESULTADOS:**

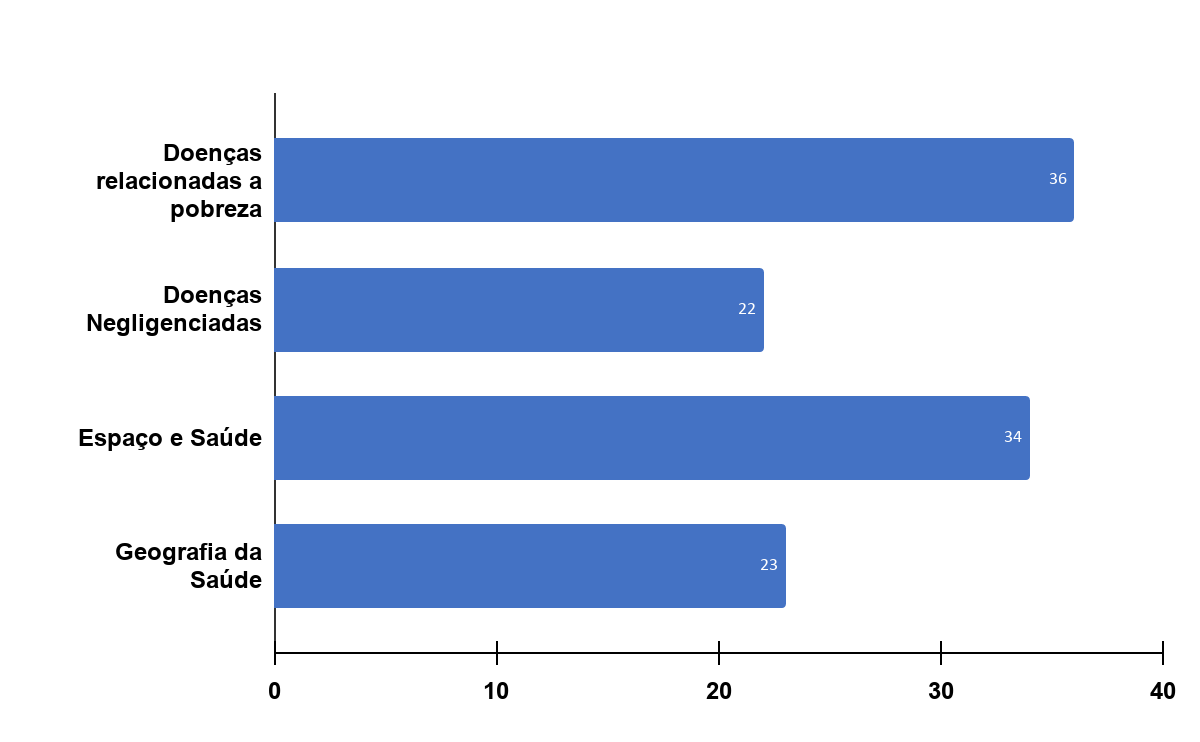
Após a leitura e análise dos artigos selecionados foi possível observar que, os autores apresentaram, diversas concepções sobre o estudo das doenças relacionadas à pobreza. No quadro 1 apresenta-se os 115 artigos identificados pelos termos usados na pesquisa. A tabela mostra de modo geral a distribuição de artigos encontrados entre 1991 a 2020, sendo organizada a partir dos 4 termos utilizados na busca. É possível observar que o ano de 2007 é o ano com o maior número de publicações, com um total de 10 trabalhos encontrados, seguido pelos anos de 2008 e 2012 com um total de 7 artigos cada, e pelos anos de 2002 e 2013 com um total de 6 publicações encontradas em cada. Os anos de 1991, 2019 e 2020 foram os anos com o os menores números de publicações encontradas, sendo 1 em cada ano.

**Quadro 1.** Artigos encontrados de 1991 a 2020 com os termos geografia da saúde, doenças transmissíveis relacionadas à pobreza; espaço e saúde; e doenças negligenciadas

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| **Termos**  **Anos de publicação** | **Geografia da saúde** | **Espaço e saúde** | **Doenças Negligenciadas** | **Doenças relacionadas à pobreza** |
| **1991** | 1 | - | - | - |
| **1994** | - | 1 | - | 2 |
| **1995** | 1 | - | - | 1 |
| **1997** | - | 3 | - | - |
| **1998** | - | 1 | - | 1 |
| **1999** | - | 3 | - | - |
| **2000** | 2 | 1 | - | 2 |
| **2001** | 1 | 3 | - | - |
| **2002** | 1 | 1 | - | 4 |
| **2003** | 1 | - | - | 1 |
| **2004** | - | 3 | 1 | 2 |
| **2005** | 3 | 1 | - | 2 |
| **2006** | - | 1 | 1 | 1 |
| **2007** | 2 | 2 | 1 | 5 |
| **2008** | 2 | 3 | 1 | 1 |
| **2009** | 1 | 3 | 1 | 1 |
| **2010** | - | 1 | 2 | 1 |
| **2011** | 3 | - | 1 | 1 |
| **2012** | - | - | 3 | 4 |
| **2013** | - | 3 | 2 | 1 |
| **2014** | 1 | - | 3 | 1 |
| **2015** | 1 | - | 3 | 1 |
| **2016** | 2 | 2 | - | 1 |
| **2017** | - | 2 | 1 | 2 |
| **2018** | 1 | - | 1 | - |
| **2019** | - | - | - | 1 |
| **2020** | - | - | 1 | - |

O gráfico 1 pode ser observado a quantidade de artigos encontrados e publicados desde 1991 a 2020 considerando os termos inseridos nas plataformas de busca. Ao todo, de 115 trabalhos encontrados, 36 são associados às doenças transmissíveis relacionadas à pobreza, 34 relacionados a estudos em que relacionam espaço e saúde, 23 referentes à geografia da saúde e 22 ligados ao termo doenças negligenciadas.

**Gráfico 1**. Total de artigos publicados em periódicos separados por temas.



De todos os artigos analisados, apenas 8 publicados em periódicos foram selecionados por se relacionarem diretamente com a temática doença, pobreza e espaço (quadro 2). Todos esses trabalhos foram publicados a partir do ano 2000.

**Quadro 2.** Artigos publicados em periódicos que apresentam relações diretas entre saúde, pobreza e espaço.

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **Ano** | **Título do Artigo** | **Autor (es)** | **Periódico** |
| **2008** | Doenças negligenciadas, pobreza e exclusão social: mera coincidência geográfica? | Campos, Thana Cristina | Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, v. 103 p. 793-830 |
| **2008** | Os indicadores da pobreza e a pobreza dos indicadores: uma abordagem geográfica das desigualdades sociais em saúde | Barcellos, Christovam | Revista Saúde Movimento cap. 5 p. 106-139 |
| **2015** | Doenças midiaticamente negligenciadas: uma aproximação teórica | Cavaca, Aline Guio;Vasconcellos-Silva, Paulo Roberto | Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v. 19, n. 52, p. 83–94 |
| **2015** | Há equidade na produção do conhecimento sobre as doenças negligenciadas no Brasil? | Andrade, Bruno Leonardo Alves; Rocha, Dais Gonçalves | Revista Tempus: Actas de Saúde Coletiva, v.9, n.3, p. 21-34 |
| **2016** | Registro e incorporação de tecnologias no SUS: barreiras do acesso a medicamentos para doenças da pobreza? | Santana, Rafael Santos; Lupatini, Evandro de Oliveira; Leite, Silvana Nair | Ciência & Saúde Coletiva, v. 22, n. 5, p. 1417-1428 |
| **2017** | Doenças tropicais negligenciadas: caracterização dos indivíduos afetados e sua distribuição espacial | Rosário, MS et al. | Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde, v.19, n.3, p. 118-127 |
| **2018** | Geografia e saúde: o que está em jogo? História, temas e desafios | Barcellos, Christovam; Buzai, Gustavo; Handschumacher, Pascal | Revista Confins n.37, p. 1-12 |
| **2020** | Doenças infecciosas e parasitárias no Brasil de 2010 a 2017: aspectos para vigilância em saúde | Souza, Helen Paredes et.al | Revista Panamericana de Salud Pública, v.44, p. 1- |

Dos artigos selecionados, Neves (2013) destaca a necessidade de compreender o espaço como uma categoria de análise para a discussão do tema, bem como John Snow fez em seu estudo sobre a distribuição espacial dos casos de cólera em Londres. É essencial ressaltar que além da compreensão e uso do espaço como categoria de análise para o debate da distribuição espacial das doenças, o processo evolutivo da Geografia na área da saúde, além de auxiliar na solução de problemas, também permite a identificação de lugares e situações de risco, onde Nascimento e Laranja (2008) destacam ainda que o papel da geografia favorece o planejamento territorial para ações na área de saúde, bem como desenvolvimento das atividades de prevenção e promoção de saúde.

O artigo de Campos (2008) demonstra que a geografia das doenças negligenciadas é uma forma de negação do direito humano fundamental à saúde e ao desenvolvimento. Em Barcellos (2008), é destacado como o estudo dos determinantes sociais de saúde na gênese da Epidemiologia Social está associado na relação saúde *versus* pobreza. Cavaca e Vasconcellos-Silva (2015) abordam como a visibilidade midiática se apresenta como condição central para o conhecimento público de problemas sociais, com foco nas doenças negligenciadas. Andrade e Rocha (2015) apresentaram análises de promoção da equidade na produção do conhecimento em doenças negligenciadas. Já Santana, Lupatini e Leite (2016) elaboraram em estudo descritivo analisando os aspectos relacionados ao registro sanitário e incorporação de tecnologias no SUS para as doenças relacionadas à pobreza.

Rosário et al. (2017) e Souza et al. (2020) desenvolveram estudos quantitativos descritivos em relação ao tema, sendo o primeiro com o objetivo de estabelecer características sociodemográficas epidemiológicas e de distribuição espacial de pacientes em um hospital na região norte de Minas Gerais, enquanto o segundo trabalho tem o objetivo de apresentar um método para identificar áreas críticas relativa às doenças e analisando as associações com os indicadores da pobreza no Brasil. Por último, Barcellos, Buzai e Handschumacher (2018) buscam resgatar as origens da geografia da saúde desde os primeiros mapas de doenças até a incorporação de novas técnicas de análise espacial.

Começando a discussão por um contexto histórico, Barcellos, Buzai e Handschumacher (2018) dão destaque ao que é considerado um dos primeiros estudos e um dos clássicos da Geografia da Saúde que foi o estudo cartográfico do médico John Snow durante a epidemia de cólera no Centro de Londres, em 1854. O estudo relacionou a cólera com a pobreza, que gerou interesse pelos mapas sociais que avaliam os fatores sociais e a distribuição de problemas de saúde das cidades. As observações do médico foram pautadas na análise espacial, que levou à interdição da bomba de água, reduzindo a epidemia.

Os autores ainda destacam que os efeitos da Revolução Industrial no século XIX despertaram interesse pelas condições de habitação e trabalho dos habitantes, além do impacto acelerado do processo de urbanização que provocou a deterioração das condições de vida, estabelecimento da divisão entre aspectos sociais e ambientais, e aumento no interesse pelo estudo da pobreza nas cidades e nos determinantes sociais das doenças (Barcellos; Buzai; Handschumacher, 2018).

É partir do contexto apresentado pelos autores citados acima, que é possível enfatizar a importância da produção de conhecimento sobre as doenças relacionadas à pobreza, onde Andrade e Rocha (2015) pontuam no artigo que:

Se tratando, de pesquisa em saúde, ela é essencial para elucidação da natureza e do contexto dos problemas, para desenvolvimento e implementação de intervenções que salvam vidas, na busca de melhorias para os DSS e consequentemente na promoção no acesso aos benefícios, principalmente para as populações pobres e marginalizadas que se encontram à margem do processo científico e tecnológico (p. 23).

Além disso, reforçam que a pesquisa científica não é o único meio para o enfrentamento do status de negligência a determinadas doenças, se fazendo necessária uma abordagem mais ampla, devido à complexidade que envolve o tema, frisando que atualmente, existe o risco de pelo menos 40% da população mundial ser contaminada por uma doença negligenciada, permanecendo ocultas em grande parte dos casos. Os autores apontam que o Brasil está entre os países que mais investem em pesquisa às doenças negligenciadas, destacando o investimento na produção de insumos para o combate e tratamento de determinadas doenças, como tuberculose e doença de Chagas.

É na conjuntura do investimento à pesquisa, que Campos (2008) previamente sustenta a ideia de que a insuficiência ou inexistência de pesquisa e desenvolvimento para as doenças negligenciadas junto ao mínimo interesse econômico que despertam, facilitam a negação de um direito humano, além da marginalização progressiva das doenças negligenciadas, que tem como principal motivo o perfil de pessoas que são afetadas. Ou seja, pobres que não oferecerem um retorno lucrativo para que a indústria farmacêutica invista em pesquisa e desenvolvimento de medicamentos voltados para essas doenças, havendo uma falha de política pública e uma falha de mercado. A autora também enfatiza o conceito de pobreza, reforçando que a mesma não pode ser limitada apenas ao conceito econométrico de renda, sendo também traçada como sinônimo de privação de liberdade e de capacidade básicas, sugerindo assim, uma devida atenção para a liberdade ou capacidade das populações afetadas de viverem adequadamente, através de um modelo socialmente digno, ressaltando suas características econômicas, sociais e políticas que viabilizam a insuficiência ou a inexistência de pesquisa e desenvolvimento para estas doenças.

Porém é no artigo de Santana, Lupatini e Leite (2016) que é abordado como a regulação e incorporação de tecnologias no SUS em relação ao desinteresse de mercado e a condição de negligência para essas doenças tornam fundamental a atuação do Estado para garantir o acesso às melhores terapias com o objetivo de redução das iniquidades em saúde. Destacam ainda que há a necessidade das agências reguladoras de adequação (no caso do Brasil, a ANVISA) de determinados parâmetros que podem ser impeditivos para a garantia de acesso, agravando o quadro de escassez de tratamentos para as doenças da pobreza. Os autores afirmam que as doenças transmissíveis relacionadas à pobreza merecem atenção e investimentos do Estado brasileiro, na área da pesquisa, desenvolvimento e produção de medicamentos, além da necessidade de ampliação do acesso da população às técnicas de tratamento e combate à essas doenças já incorporadas, a fim de quebrar as barreiras de acesso para as populações afetadas.

É o perfil de pessoas e populações afetadas que Souza et al. (2020) buscaram traçar em seu artigo, além do padrão de distribuição espacial da ocorrência que pode ser utilizado como indicadores das condições de desenvolvimento de áreas geograficamente delimitadas, relacionando-se com os indicadores epidemiológicos e de qualidade de vida populacional. Os autores destacam que o uso de ferramentas de análise espacial em saúde pública ajuda a sustentar a discussão sobre o espaço a heterogeneidade dos fenômenos populacionais distribuídos, que ajudam no reconhecimento de áreas com características socioambientais mais semelhantes, identificando locais de maior vulnerabilidade e sua associação ecológica entre a ocorrência das doenças (dengue, doença de Chagas, esquistossomose, hanseníase, hepatite A, leishmaniose tegumentar e visceral, leptospirose, malária e tuberculose) e indicadores de pobreza (saneamento ambiental, habitação, educação e renda) no país.

Os autores concluem que o comportamento e distribuição dessas doenças serve como um indicador de desenvolvimento de uma determinada região e sua extensão deve contribuir, segundo os autores, como base para a formulação de políticas públicas, não apenas na área da saúde, como também em práticas de habitação, saneamento e educação, que poderão diminuir as desigualdades sociais, a fim de produzirem melhorias nas condições de vida e saúde das populações afetadas. Além de destacarem que os indicadores de domicílio chefiados por mulheres são desfavoráveis, gerando uma aproximação do fenômeno da feminização da pobreza.

Rosário et al. (2017) tiveram como objetivo em seu artigo, estabelecer as características sociodemográficas, epidemiológicas e de distribuição espacial dos pacientes internados com doenças negligenciadas em um hospital localizado na região Norte de Minas Gerais. Os autores levaram em conta o processo acelerado de urbanização nos últimos 40 anos, destacando que mais de 70% da população brasileira vive em áreas consideradas urbanas, onde há a necessidade de desenvolvimento de estudos com um olhar renovado sobre a epidemiologia das doenças transmissíveis relacionadas à pobreza, já que a transmissão e as mortes provocadas por elas são totalmente preveníveis. No artigo, salientam que a maioria dos hospitalizados com doenças negligenciadas, são crianças de faixa etária de 0 a 12 anos, tendo uma considerável predisposição a um maior risco de morte. O fato se dá devido a uma provável relação com o comportamento das crianças, bem como as deficiências de higiene pessoal alimentar e de saneamento. Afirmam também que o sexo masculino é predominante entre os hospitalizados por doenças relacionadas a pobreza, podendo ser relacionado ao fato de algumas doenças, como a tuberculose, abrangerem diferentes contextos ecológicos e ocupacionais. Destacam também, que embora o estudo tenha sido feito em uma menor escala, há um grande número de subnotificações, o que provavelmente se repete em outras regiões do país, diante dos problemas que envolvem os sistemas de informação em saúde em todo o país.

Com isso, os artigos de Souza et al. (2020) e Rosário et al (2017) são complementares, visto que embora haja a diferença da escala em que os estudos foram feitos, as variáveis como sexo, idade, escolaridade e variáveis epidemiológicas, apresentam números e resultados semelhantes, demonstrando como pode haver um padrão na distruibuição regional e nacional das doenças relacionadas à pobreza no espaço geográfico.

Com tudo, Barcellos (2008) presume que o espaço geográfico representado por seus fragmentos (no caso, os indicadores sociais) reflete sua estrutura social, buscando resgatar a dimensão espacial que atua na mediação entre as condições de pobreza e a situação de saúde, considerando desigualdades e diferenças como chave para o entendimento da complexidade dos processos de determinação social de saúde. Ressalta ainda que nem sempre existe uma relação linear entre pobreza e piores condições de saúde, citando casos de áreas com maiores rendas que podem aumentar os riscos à saúde dos moradores, dando como exemplo a incidência elevada de tuberculose nos municípios de maior renda no Estado do Rio de Janeiro. Além de retratar a pobreza como um fenômeno heterogêneo e com grande variabilidade no espaço, destaca que existem diferentes tipos e magnitudes da pobreza com variações em diversas escalas, que irão permitir o estabelecimento de estratégias adequadas para o enfrentamento, como a atenção midiática e políticas sociais que visam a redução de desigualdades.

Dessa maneira, Cavaca e Vasconcellos-Silva (2015) abordam como a visibilidade midiática possui uma certa responsabilidade de levar conhecimento ao público, principalmente às populações mais vulneráveis, problematizando os conceitos de necessidade em saúde x negligência e visibilidade midiática. Sugere ainda que a divulgação midiática possa ser relevante para o engajamento e investimentos em pesquisa e desenvolvimento de novos fármacos, como também para o controle das doenças, além de pautar os assuntos no dia a dia da população. As autoras afirmam que além da negligência científica, mercadológica, e estatal o silenciamento midiático em torno das doenças negligenciadas e de outros problemas de saúde, contribuem para a sua persistência e até mesmo para a ausência das condições de sobrevivência.

Portanto, a partir da discussão dos artigos selecionados, é possível traçar uma relação simétrica entre os artigos e suas especificações, desde as origens históricas dos estudos relacionados à espaço, saúde e pobreza, assim como as motivações para o negligenciamento, além de entender o perfil das populações afetadas e pensar novas formas de superar o negligenciamento a partir do conhecimento prévio das doenças e de suas inúmeras consequências sociais.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Inicialmente, é possível notar a existência de trabalhos associados às doenças transmissíveis relacionadas à pobreza, nas mais diferentes áreas de estudo, destacando a complexidade e a notória diversidade de áreas em que o tema pode ser trabalhado. Entretanto é necessário destacar que a geografia está intimamente ligada ao processo saúde-doença-atenção, onde a análise espacial tem papel fundamental na compreensão da ocorrência das doenças, o que infelizmente não é enfatizado nos diversos estudos e artigos sobre o tema proposto.

A geografia da saúde permite diversas perspectivas para a compreensão dos inúmeros problemas de saúde, não focando apenas no aspecto geográfico em si, mas em uma abordagem com a saúde através de métodos para a compreensão e atuação sobre território buscando uma visão mais extensa dos problemas. Além disso, a geografia da saúde possibilita a compreensão da relação homem-meio de forma intrínseca, dando sentido completo à ciência geográfica.

Se faz necessário destacar também que a eclosão da pandemia de Covid-19 piorou a situação de combate e pesquisas das doenças negligenciadas. Se antes já recebiam pouca atenção e investimento, com a pandemia foram completamente afetadas seja no controle e até mesmo a erradicação, como também no desenvolvimento de medicamentos e no tratamento dos afetados por essas doenças, onde Mori (2021), afirma que pode ser um fator agravante para a geração de comorbidades e tornar as infecções por Covid-19 ainda mais graves.

Por fim, é possível concluir que apesar de todos os esforços quando se trata das doenças da pobreza, ainda há a necessidade de reforçar a importância da produção de conhecimento sobre o assunto, além de explorar as inúmeras possibilidades de serem estudadas por diversos campos, com o objetivo de fazer a diferença principalmente para os mais afetados.

**REFERÊNCIAS:**

ALMEIDA FILHO, Naomar. **O que é saúde?** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

ANDRADE, Bruno Leonardo Alves de; ROCHA, Dais Gonçalves. Há equidade na produção do conhecimento sobre as doenças negligenciadas no Brasil?. **Revista** **Tempus: Actas de Saúde Coletiva**, v. 9, n. 3, p. 21-34, 2015.

BARCELLOS, Christovam; MACHADO, Jorge M. Huet. A organização espacial condiciona as relações entre ambiente e saúde: o exemplo da exposição ao mercúrio em uma fábrica de lâmpadas fluorescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 3, n. 2, p. 103-113, 1998.

\_\_\_\_\_\_\_. Os indicadores da pobreza e a pobreza dos indicadores: uma abordagem geográfica das desigualdades sociais em saúde. **Revista Saúde Movimento,** cap. 5 p. 106-139, 2008.

\_\_\_\_\_\_\_.; BUZAI, Gustavo D.; HANDSCHUMACHER, Pascal. Geografia e saúde: o que está em jogo? **Confins – Revista Franco-Brasileira de Geografia**, n. 37, p. 1-12, 2018.

CAMPOS, Thana Cristina. Doenças negligenciadas, pobreza e exclusão social: mera coincidência geográfica?. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**, v. 103, p. 793-830, 2008.

CAVACA, Aline Guio; VASCONCELLOS-SILVA, Paulo Roberto. Doenças midiaticamente negligenciadas: uma aproximação teórica. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação,** v. 19, n. 52, p. 83-94. 2015.

GARCIA, Leila Posenato; SILVA, Gabriela Drummond Marques da. Doenças transmissíveis e situação socioeconômica no Brasil: análise espacial. **Texto para Discussão.** Brasília: Ipea, 2016.

GUIMARÃES, Raul Borges; CATÃO, Rafael de Castro; CASAGRANDE, Baltazar. Raciocínio geográfico e complexos patogênicos atuais: análise comparativa da Dengue e da Leishmaniose Tegumentar Americana. **Confins – Revista Franco-Brasileira de Geografia**, n. 37, p. 1-22. 2018.

\_\_\_\_\_\_\_. **Saúde: fundamentos de Geografia humana**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 109 p. 2015.

MORI, Letícia. Hanseníase, malária, tuberculose: pandemia reduz combate de doenças que afetam os mais pobres. **BBC News Brasil** [online], 8 abr. 2021. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-56610913>> Acesso em: 18 abr. 2021.

NASCIMENTO, Isaura Barbosa; LARANJA, Ruth Elias de Paula. Uma discussão teórica sobre a análise socioambiental e algumas contribuições à Geografia da Saúde. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, p. 25-34. Dez/2008.

NICKEL, D. A. et al. Carga das doenças infecciosas relacionadas à pobreza no Brasil. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação em Saúde. **Saúde Brasil 2013: uma análise de saúde e das doenças transmissíveis relacionadas à pobreza**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. p. 227-254.

PICKENHAYN, J. et al. Processo de urbanização da doença de Chagas na Argentina e no Brasil. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, p. 58-69. Dez/2008.

PNUD. **Relatório de Desenvolvimento Humano 2019. Além da renda, além das médias, além de hoje: Desigualdades no desenvolvimento humano no século 21**. Nova York. 2019.

RASELLA, D. et al. Doenças decorrentes e perpetuadoras da pobreza. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação em Saúde. **Saúde Brasil 2012: uma análise da situação de saúde e dos 40 anos do Programa Nacional de Imunizações**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. p. 169-185.

RODRIGUES, Heila Antonia das Neves. **Doenças negligenciadas no Estado de Roraima: uma análise a partir da geografia da saúde para o período de 2000 a 2013**/ Heila Antonia das Neves Rodrigues. – Lajeado, 2015.

ROSÁRIO, Mychelle Senra et al. Doenças tropicais negligenciadas: caracterização dos indivíduos afetados e sua distribuição espacial. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research,** v. 19, n. 3, p. 118-127, set. 2017.

[SANTANA, Rafael Santos](http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=article%5Edlibrary&format=iso.pft&lang=i&nextAction=lnk&indexSearch=AU&exprSearch=SANTANA,+RAFAEL+SANTOS); [LUPATINI, Evandro de Oliveira](http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=article%5Edlibrary&format=iso.pft&lang=i&nextAction=lnk&indexSearch=AU&exprSearch=LUPATINI,+EVANDRO+DE+OLIVEIRA); [LEITE, Silvana Nair](http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=article%5Edlibrary&format=iso.pft&lang=i&nextAction=lnk&indexSearch=AU&exprSearch=LEITE,+SILVANA+NAIR). Registro e incorporação de tecnologias no SUS: barreiras de acesso a medicamentos para doenças da pobreza?. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 5, p. 1417-1428, 2017.

SOUZA, Helen Paredes de; et al. Doenças infecciosas e parasitárias no Brasil de 2010 a 2017: aspectos para vigilância em saúde. **Revista Panamericana de Salud Pública,** v. 44, p. 1, fev. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global report for research on infectious diseases of poverty**. Geneva, 2012.

1. Estudante de graduação em Geografia na UERJ/FFP; gabrieladacostadecarvalho@gmail.com

   ² Docente do Departamento de Geografia na UERJ/FFP; (orientadora); [mluizakede@gmail.com](mailto:mluizakede@gmail.com) [↑](#footnote-ref-1)